

A FUGA

Não, não, as prisões não foram feitas para mim! Só os pássaros podem viver e cantar engaiolados, olhar através de grades o vasto mundo que há lá fora e ainda saltitarem para cá e para lá numa aparente alegria. Mas até os pássaros fogem se encontram a porta aberta e eu também não pretendo ficar aqui muito tempo.

A frase está gasta, tôdas as gerações a disseram mas eu repito-a: maus tempos êstes! Maus tempos, sim, o menor deslize, a menor distração e estamos atrás das grades. Mas não será por muito tempo, cá está a minha liberdade: consegui roubá-la ao sujeito que me trouxe o feijão estragado do jantar. Parece estranho, sim, afinal, de que serve uma colher para se fugir dêste buraco? Mas dará certo, tenho certeza. As paredes estão velhas e esfarelam-se numa caliga rala. As barras de ferro da janela estão praticamente sôltas, deslocadas da parede, giram em tórno de si mesmas. Com um pouco de tempo e paciência, cavo a parede até tirar duas barras e de manhã estou na rua. O maior problema, é o guarda que fica aí fora da sentinela durante tôda a noite, mas isso também se resolve. Êle leva aproximadamente cinco minutos para dar a volta à cadeia. Quando dobrar a esquina, começo a trabalhar rapidamente, quando sentir que se aproxima, paro. Daqui a uma hora, quando a cadeia adormecer, começo o serviço.

Agora parece que só o guarda está de pé. Tudo muito quieto. Posso começar. Espero que o guarda passe no seu caminhar lento, deixo-o virar a esquina... Agora! Parece que isto não vai ser difícil. A parede desfaz-se como manteiga a derreter-se, até com as unhas se poderia fazer êste trabalho. Acho que o govêrno devia fazer prisões novas, a menos que não queira realmente segurar os prêsos por muito tempo. Na verdade, não é lá grande negócio dar comida a prêsos que passam o dia dormindo. Mas também, que comida! Feijão preto bichado todos os dias e uma vez por outra, um pedaço de sebo ou um

osso que nem os cães gostariam de roer. E chamam a isso comida! Aí vem o guarda! Deito-me embaixo da janela e espero que êle passe, no seu passo lento, devagar, devagar...

Dobrou a esquina outra vez. Voltemos ao trabalho. Encontrei agora um tijolo que me atrapalha o serviço, mas nestas paredes, até os tijolos se desfazem. Com um pouco de tempo e paciência, tenho novamente o caminho livre. A ferramenta é boa. A colher de ferro rasga a parede como uma broca. De manhã estou na rua. Prisões não foram feitas para mim!

Falta pouco, mais alguns centímetros e a primeira barra estará fora. Soltando-a da parede de baixo, não haverá dificuldade para a tirar de cima. O ferro está praticamente solto, basta rodá-lo para um lado e para o outro até desgastar a parede suficientemente para o tirar. Pronto, a primeira barra já está. Mas deixo-a ficar no lugar, não vá o guarda notar-lhe a falta. Agora vamos à segunda.

Ainda é cedo. Descanso um pouco, deixo passar o guarda e recomeço. O calor é sufocante, está uma noite abafada, mas a escuridão que há lá fora vai me ajudar bastante.

Gostaria de saber as horas. Ainda não devem ser duas e às três já não estarei aqui. A segunda barra sairá tão bem quanto a primeira, estas paredes são feitas de lixo ou coisa pior. Outro tijolo. O barro vermelho mal cosido, parte-se em lascas. O centro do tijolo é escuro, quase preto e mais mole ainda. Tijolos velhos, feitos à mão, queimados em fornos de barro, não são tijolos para cadeias. Pronto. Em baixo já está. Agora um torsão, outro, mais outro... Aí vem o guarda! Passou. Mais um puxão e a barra está fora. Duas é o suficiente para passar, sempre disse que há certas vantagens em ser magro.

Deixo no lugar as duas barras soltas, por causa do guarda, descanso um pouco e já estarei livre dêste buraco. A manhã ainda vem longe, tenho muito tempo. O rio está a uns trezentos metros, assim que o guarda passar, retiro as barras, corro até ao rio, atravesso-o a nado e entranho-me nas canas do outro lado. Deixo aqui a colher, para êles verem a minha ferramenta.

Está na hora de me preparar. Encosto-me à parede, o

guarda vai passar agora. É preciso andar depressa. Passou. Tiro as barras, quando êle dobrar a esquina, pulo a janela. Agora! Depressa, é preciso chegar ao rio antes que o guarda dê a volta. Tudo bem, até agora, nenhum alarme, ninguém me segue. Jogo-me na água, é preciso nadar rapidamente. O rio é estreito, mais umas braçadas... Agora, meto-me entre as canas, não olho para trás, é preciso correr. As fôlhas das canas ferem-me o rosto, sinto o faro dos cães que me perseguem. Não, não, é só impressão, ninguém me persegue, não atravessariam o rio. Preciso correr, correr mais, mais depressa, a manhã aproxima-se, os cães perseguem-me, tenho que fugir, fugir sempre, fugir cada vez mais.